

DO MEDO DA MORTE AO AMOR À MORTE: UM DIÁLOGO ENTRE EDGAR ALLAN POE E EMIL CIORAN

Lucas Gomes Baleeiro*

Resumo: No presente texto, pretende-se retratar o sentido da morte no conto escrito no ano de 1839, de Edgar Allan Poe, intitulado *A queda da casa de Usher* e nos escritos do filósofo romeno, Emil Cioran. Enquanto no conto, a morte é vista por uma ótica de um moribundo, na filosofia cioraniana, a morte é retratada como uma força devastadora que tudo consome. Diante disso, dissertaremos sobre a questão da morte, tão cara para filosofia e tão surpreendente na literatura.

Palavras-chave: Morte. Desespero. Angústia. Cioran. Poe.

45

1. INTRODUÇÃO

A relação entre filosofia e literatura demonstra a forma em que os saberes relacionam-se, interagem e se fundem. O diálogo entre ambas vão desde a abordagem de temas cabíveis até os escritos conhecidos como romances filosóficos, ou seja, aqueles romances literários que abordam questões fundamentalmente filosóficas através de histórias meramente ficcionais ou realistas. Tais escritos ilustram a dimensão da problemática filosófica que fica subentendida sobre a vida dos personagens, espaço característico e tradicional a partir do qual fluem as questões refletidas no campo filosófico.

Diante disso, nosso objetivo é traçar um contraste tanatológico, ou seja, sobre a temática da morte, entre os escritos do filósofo romeno Emil

* Aluno do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Uma primeira versão do presente texto foi apresentada, com título e conteúdo diferente, em uma *Comunicação* na VIII Semana Acadêmica de Filosofia da UESB, realizada de 09 a 13/09/2019. Contato: lucas.baleeiro.gomes@gmail.com.

Cioran e o conto *A queda da casa de Usher* do estadunidense Edgar Allan Poe.

Para o filósofo romeno a morte é encarada como uma certa urgência do pior, que traz alívio existencial. Poe, em seu conto, traça o olhar de um condenado a morte, não por consequência dos seus atos, mas sim pelo acometimento de uma morte natural, advinda de uma doença ou mal de família. O que se pretende, a seguir, é retratar a figura da morte nesses dois autores: Cioran, que é conhecido pelo seu pessimismo para com a vida; Poe reconhecido por trazer à baila personagens que possuem uma relação intrínseca com a morte.

2. A VIDA COMO UMA DOENÇA

Os contos de Poe são repletos de medo, dor, angústia e escuridão. Ler sua obra é, antes de tudo, adentrar em um mundo repleto de mistério e pavor intensos. Seus escritos, possuidores de um forte caráter psicológico, são revestidos de profunda intensidade e realismo; o terror nasce da própria mente dos personagens e são estes que deformam a realidade e o ambiente em que estão inseridos. Seus personagens são inquietantes, tomados por neuroses que dão origem aos medos e obsessões: fazem um mergulho em certas regiões da alma, em seus estados mórbidos, atingindo os horrores do subconsciente do leitor. 46

Independentemente de suas temáticas, a obra desse autor é carregada de um talento narrativo eficiente e de grande beleza estética. O poder criador e artístico presentes nos textos de Poe resulta na enorme fama e influência que seus escritos exercem em diversas gerações de leitores. É um autor reconhecido também no cinema, por meio do gênero terror e mistério, e além de tudo é uma inspiração para outros escritores, a exemplo de Lovecraft e Stephen King.

Em seu conto *A queda da casa de Usher*, publicado em 1839, lemos uma história sinistra, repleta de segredos tenebrosos, algo típico de suas obras do gênero. O referido conto faz parte da escola literária do romantismo, de estilo gótico, com elementos narrativos que são característicos desse tipo literário: ambientações obscuras, personagens esquizofrênicos, terror, suspense, decadência, medo, etc.

Nesse conto o leitor se depara com um narrador em primeira pessoa que conta ter recebido uma carta de seu amigo de infância, um certo Roderick Usher, personagem que está passando por problemas de saúde e o convida para passar uns dias em sua mansão. O narrador faz uma breve descrição da residência de seu amigo, local onde o conto é ambientado:

Ao longo de um letárgico, sombrio e silencioso dia de outono, quando as nuvens pairavam baixas e opressoras no céu, percorri sozinho a cavalo uma área particularmente desolada da região e, por fim, envolta nas sombras crepusculares que se avizinhavam, avistei ao longe a melancólica casa de Usher (POE, 2017, p. 53).

Neste início da história fica bem evidente que o cenário está associado a um lugar remoto, obscuro e desconhecido. Distante, no espaço e tempo da realidade do narrador, esta ambientação é propícia para narrar uma história de terror. O nome do personagem que conta a história não é mencionado; para Poe, a ênfase literária deve recair sobre o efeito que causa no leitor, desta forma, o nome é irrelevante, tornando-se o mais importante transmitir o medo e as angústias dos personagens. Os 47 protagonistas da história vivem em um mundo isolado, de cenário sombrio, sugerindo, no ato da leitura, um aspecto de morte e decadência.

Tanto o leitor como o narrador depara-se com uma paisagem e atmosfera angustiante. Na propriedade dos Usher paira um ar de mistério, todo sítio parece refletir aspectos degradantes e mórbidos. A própria descrição da casa remete à memória uma imagem de delírio:

Contemplei um panorama que tinha diante de mim - a casa em si e a paisagem simples ao seu redor, suas paredes soturnas, suas janelas com vãos que pareciam olhos, seus juncos esparsos, seus esbranquiçados troncos de árvores anêmicas - com o espírito conturbado, com uma sensação que não posso comparar a nenhuma outra senão ao despertar que interrompe um sonho de ópio - o amargo regresso à vida cotidiana, o medonho cair do véu (Poe, 2017, p. 54).

A casa em si, assim como os seus moradores, não parece estar em boas condições, uma vez que uma rachadura visível atravessa a fachada do

edifício e outras marcas de degradação aparecem no decorrer da narrativa. No interior da residência, Roderick Usher recebe seu amigo e informa que está doente de um mal nervoso que atacou toda linhagem da família. Acreditando que é através dessa doença que acabará sucumbindo, Usher parece sofrer com o terror de saber que sua vida se findará.

Na residência encontramos também a irmã gêmea de Usher, Lady Madeline, que sofre de catalepsia, doença em que o indivíduo fica paralisado por longas horas. O narrador descreve esse encontro da seguinte forma:

Uma sensação de estupor me oprimira enquanto meus olhos acompanharam os passos se distanciando. Quando por fim se retirou e fechou a porta, busquei depressa por instinto notar o semblante de seu irmão, mas ele enterrara o rosto nas mãos e pude notar tão somente que uma palidez ainda mais acentuada se espalhara por seus dedos amaciados, por onde escorriam lágrimas dolentes (Poe, 2017, p. 60).

Lady Madeline está gravemente abatida por sua doença; logo ela sucumbe e deixa Roderick como único herdeiro vivo daquela família. Aqui a história descrita no conto parece visar o pavor – tão humano, natural e universalmente experimentado –, aquele pavor diante de alguém que está doente e no fim da vida. Nunca se pensa na própria morte, sempre sobre a morte do outro. O que a personagem de Poe demonstra é que quando o indivíduo se dá conta de seu próprio fim, tudo ao redor parece perder o sentido. O único sentido que persiste é este: a morte é certa e toda aquela vida, com seus dilemas, parece ser um grande nada diante da sensação de estar cada vez mais próximo da morte. A morte é uma doença da vida!

Esta consciência da morte e o pavor experimentado com a sua proximidade transcende o campo do ficcional e encontra espaço na filosofia. O filósofo romeno Emil Cioran afirma que os indivíduos tendem a afastar de si a ideia da morte, ela sempre parece distante de certo modo, como ele declara em um de seus textos:

Gente saudável, normal e medíocre não tem a experiência da agonia nem a sensação da morte. Essa gente vive como se a vida tivesse um caráter definitivo. É graças à estrutura do seu equilíbrio superficial que as pessoas normais sentem que a vida goza de uma autonomia absoluta em relação à morte, objetivando-a numa realidade que transcende a vida. Por isso, elas consideram que a morte vem do exterior, e não de uma fatalidade interna da natureza. Viver sem a sensação da morte significa experimentar a doce inconsciência do homem comum, que se comporta como se a morte não constituísse uma presença eterna e inquietante. Uma das maiores ilusões do homem normal é acreditar no caráter definitivo da vida e estar acima da sensação de encarceramento da vida pela morte (CIORAN, 2011, p. 35).

Nesse sentido, o homem comum não reflete sobre a morte, ele vive como se fosse eterno, o medo do fim da vida somente fica evidente quando esse homem comum se depara com sua finitude. Edgar Allan Poe demonstra o espanto que uma pessoa comum passa a sentir ao tomar consciência da linha tênue entre a vida e a morte, experimentada na doença. A imaginação é tão pressionada pelo medo e angústia que o narrador do conto se espanta ao deslumbrar a irmã doente de Usher se movendo como um fantasma de um cômodo ao outro. Esta antecipação permite ao narrador concluir que “[...] não veria mais lady Madeline, ao menos, não com vida” (POE, p. 60). Ele é tomado de pavor ao olhar para a irmã de seu amigo de maneira distante e fria, como se a morte estivesse longe e não tão próxima como um acometimento espontâneo e rotineiro, que faz parte da existência até dele mesmo.

49

Em linguagem filosófica, embora a razão teime em afirmar que a morte pode ser domesticada e não soar tão pavorosa, o terror da morte revela-se como uma ação consentida que realizamos no dia-a-dia, de modo ininterrupto, como afirma Cioran: “Morremos por tudo o que existe e por tudo que não existe. Cada vivência é, nesse caso, um salto ao nada” (CIORAN, 2011, p. 21). A vida, no seu escorrer, soa como uma doença.

O filósofo romeno revela que nossas ações são como um constante salto rumo ao nada. Esta consciência, no entanto, não esconde o seu caráter terrorífico: é através da morte que perdemos tudo, cada ato se torna insignificante. O medo pode ser a razão pela qual o homem comum vive

na sua inconsciência, como se a morte não fosse uma presença constante, sendo vista como algo distante, que acomete ao outro. Essa atitude, para Cioran, é uma tentativa de não aceitação da morte, negá-la para si mesmo.

O discurso filosófico sobre o ato de morrer não soa como algo alienante, como uma tentativa de tapar o sol com a peneira? Afinal, sabemos por experiência - pessoal ou coletiva -, que a notícia do falecimento de uma pessoa querida é, antes de tudo, recebida como reação de medo, como um acaso, um acidente. O fato da morte, por seu turno, é sentido através do abalo existencial que permite ao indivíduo, aquele que sobreviveu a morte que acometeu o falecido, transcender a atitude no dia-a-dia da atividade pela atividade e se abrir para uma reflexão sobre o sentido de sua existência pessoal.

Cioran, em sua tanatologia, pretender situar o homem no despertar para o fato de sua finitude. Segundo o filósofo, ao rejeitar a morte, deixando de pensar sobre ela, o homem tenta esquecer a sua própria mortalidade:

Se as doenças têm uma missão filosófica neste mundo, ela não pode ser outra senão demonstrar quão ilusória é a sensação da eternidade da vida e quão frágil é a ilusão de uma definição e de um triunfo da vida. Pois, na doença, a morte está sempre presente na vida. Os estados genuinamente doentios nos conectam a realidades metafísicas que um homem normal é incapaz de entender (CIORAN, 2011, p. 38).

50

No conto de Poe, a adoentada Lady Madeline morre após um curto lapso de tempo. Usher, com a ajuda do narrador, decide guardar o corpo no porão da mansão. Roderick Usher, desta feita, tenta suportar seu tormento com distrações, pois sente que seu fim também está próximo, a fim de tentar esquecer sua finitude, o personagem se envolve em diversas atividades, mesmo que nenhuma delas possa fazer com que a sensação da morte seja amenizada. Cioran acredita que quando o homem sente a proximidade da morte, o seu mundo desmorona e nada mais faz sentido pois a morte o absorve por inteiro. Quanto isso ocorre nenhuma distração é capaz de sufocar a sensação de vazio:

Quando o passado da alma palpita entre nós num momento de imensa tensão, quando uma presença total atualiza as experiências aprisionadas e quando um ritmo perde seu equilíbrio e uniformidade, a morte nos arranca dos cumes da vida sem que conheçamos diante dela aquele horror que acompanha a atordoadora obsessão da morte (CIORAN, 2011, p. 16).

O elemento terrorífico fica ainda mais caracterizado quando notamos Usher procurando distrações em diversas atividades para suportar o falecimento da irmã e a ciência do fim dele mesmo. Nas tentativas do narrado em distraí-lo: não mencionando o nome de Madeline, fazendo atividades como pintura, música e leitura, não passam de tentativas vazias que não são capazes de aliviar a melancolia que paira na mente obscurecida pelos acontecimentos dos últimos dias do quase moribundo Usher.

Não a morte, mas a experiência da doença se apresenta como sendo uma constante investida da morte contra a vida. Seria possível inverter os polos? Viver a doença seria um ato de heroísmo? Na doença, como afirma Cioran, não apenas a existência, mas também a morte se revela:

51

Toda doença é heroísmo; mas um heroísmo de resistência, não de conquista. O heroísmo na doença se manifesta por resistência nos bastiões perdidos da vida. Esses bastiões são irremediavelmente perdidos não só para os que se encontram organicamente afetados por certas doenças, mas também para aqueles cujos estados depressivos são tão frequentes, que, diante de sua estrutura objetiva, mantem um caráter constitucional. Os estados depressivos não revelam somente a existência como objetividade sensível, mas também a morte (CIORAN, 2011, p. 39).

A doença é a resistência do corpo diante da possibilidade de falecimento. No momento fantástico do conto, o anfitrião, mais uma vez em tentativa de distrair o amigo, conta-lhe uma história. Nesse mesmo momento, uma terrível tempestade faz parte da cena, na medida em que o narrador descreve um arrombamento, barulhos estranhos acontecem em algum cômodo da casa. Roderick, então, numa profunda angústia, cai em lágrimas. Admitindo ter ouvido sons vindos do porão da mansão onde se

encontra o corpo da irmã gêmea. Usher revela ter guardado o corpo vivo da irmã, que parece ter se libertado de seu caixão. Nesse instante Madeline aparece na porta do aposento em que o narrador e Roderick se encontram e se lança sobre o irmão, levando-o a óbito. A linhagem dos Usher chega ao fim. O narrador, aterrorizado, foge do local, a casa desaba e, no céu, uma lua vermelha brilha vivamente enquanto a construção, em colapso, desaparece sobre o lago.

O efeito de medo e terror causado nesse conto são retratados em tom de tristeza e melancolia ao combinar três personagens envolvidos em um mal que representa a decadência e a morte de uma família. Madeline, Roderick e a casa sucumbem, são lançados à inexistência, ao nada. Todo o cenário do conto coaduna com a desesperança e a angústia daqueles que sofreram diante do conflito com a morte: o terror, o medo e a angústia são demonstrados na tentativa de esquecer que a morte é um destino natural para a vida de qualquer indivíduo.

Se no conto os personagens são capazes de sentir pavor e medo por tomar consciência de seu próprio fim, na vida real os indivíduos comuns não refletem sobre a morte de si mesmos. Na vida real, como denuncia Cioran, o mais comum é uma tentativa de negação do fim. Essa tentativa é visível no apego dos indivíduos ao irreal, às diversões, às futilidades, ao banal, ou qualquer outra coisa que os façam esquecer a sua própria finitude. A realidade da morte, porém, testemunha que a morte é uma doença da vida.

52

3. O SALTO AO NADA

Em Cioran, a morte se caracteriza por seu aspecto de totalidade e universalidade: é de modo total e universal que a realidade da morte aflige todos os homens. O sujeito ao constatar sua finitude, se desespera com a possibilidade da morte e, ao tomar consciência desse fato, assume-o como algo que faz parte da rotina de sua existência. Para Cioran, o envolvimento com a morte, com o sofrimento, com o desespero e com a questão do nada são as principais reflexões da sua filosofia. O sentimento causado pela ciência da morte é expresso pela figura de Usher no conto de Poe; o personagem sente medo, angústia e sofre ao reconhecer seus últimos dias

de vida. O filósofo romeno na seguinte passagem de um de seus aforismos parece descrever o sentimento de pesar que recai diante do desespero diante da finitude:

Essa dilaceração que sentes no sangue como um esplendor negro que dilata as veias e se insinua no cérebro, que fulmina os nervos e te dispersa por espaços distantes superiores aos do sonho, que te decompõe no inesperado e derrama sobre as coisas um dissolvente sutil, para que, em sua dissolução, a dilaceração se realize sem cessar (CIORAN, 2014, p. 155).

É esse envolvimento que Usher estabelece ao tomar consciência de sua morte, essa dilaceração ocorre a partir da evidência de sua existência. Ele aceita, então, que não há ilusões para se apegar, que todas as distrações são falhas e não passam de espectros que serão dissipados por uma simples reflexão sobre a finitude de sua vida e também de toda a linhagem de sua família. Se em Poe o personagem se desespera ao se encontrar defronte ao trânsito da vida para a morte, em Cioran parece haver uma contemplação e admiração pela força da morte. O filósofo romeno disserta sobre o decesso de maneira quase que apaixonada. Para esse pensador contemplar a morte é estar diante de algo maior, uma força destruidora que não há como conter:

53

Observar como a morte se estende sobre o mundo como um sopro imanente e destruidor, como ela destrói uma árvore ou se insinua no sonho, como murcha uma flor ou uma civilização, como corrói o indivíduo e a cultura, significa estar acima das lágrimas e dos remorsos, acima de quaisquer formas ou categorias. Quem nunca teve a sensação daquela terrível agonia, quando a morte se alça dentro de nós e nos envolve como um afluxo de sangue, como uma força interior incontrolável que se apodera de nós até nos sufocar, ou quando nos pressiona como uma serpente, provocando pavorosas alucinações, não reconhece o caráter demoníaco da vida e a efervescência interior que produzem as grandes transfigurações (CIORAN, 2014, p. 37).

Para Cioran, como para toda a tradição filosófica e cultural, a morte é uma questão que nenhum homem pode escapar. Se é assim, nenhum ser vivo pode vencê-la, tanto Usher quanto a sua mansão são devorados pelo

sopro destruidor da finitude. Poe retrata esse fato incontestável diante da morte pela queda metafórica da casa: independentemente de qualquer esforço para vencer a degradação da vida, a morte continuará invicta e recairá de maneira única sobre todos.

O filósofo, por outro lado, formula essa questão de uma outra maneira, a vida é tragada pela morte, tudo voltará ao pó. O indivíduo é capaz de evocar muitas razões para negar o sentido da vida. Para o Cioran, o desespero, a morte são apenas as razões mais evidentes, no entanto, esses elementos podem levar a uma negação do sentido da vida. Racionalmente todos querem realizar algo efetivo e se engrandecer diante das realizações pessoais, mas quando se depara com a morte parece que a razão perde essa lucidez diante da vida, pois tudo será reduzido ao pó:

Ninguém venceu a obsessão da morte pela lucidez e pelo conhecimento. Não existirá nenhum argumento contra ela. Ela não tem do seu lado a eternidade? Só a vida tem que defender-se sem trégua; a morte já nasceu vitoriosa. E como não vai ser vitoriosa se o nada é seu pai e o horror, sua mãe? Só podemos vencer a morte desgastando-a. A penetrante obsessão que sentimos por ela nos desgasta e, por sua vez, se desgasta (CIORAN, 2014, p. 151).

54

O envolvimento de Usher com a morte representa nossas lamentações ao sentimento de angústia que ela traz. Em Cioran o homem é um animal infeliz que abandonado no mundo é condenado a encontrar a mortalidade de sua vida. O fim da linhagem da família doente traz a ideia da constatação de que a existência humana é um fardo e que a morte é a libertação do peso que cada ser vivo é condenado a carregar ao nascer. Ao tomar conhecimento do sentimento da morte, o narrador tenta acostumar-se com a ligação que ela causa entre os irmãos; ele acaba aceitando o fato de que a morte é inevitável e assim tenta vencer o terror que ela causa ao fugir do desmoronamento enquanto os dois irmãos vêm à óbito. Ambos são débeis, apreciam a vida como um grande bem e, por isso mesmo, lamentam o seu ocaso.

Ao descer da condição de homem para algo inanimado, o fenômeno dramático da existência diminui até se tornar nulo. É um erro de avaliação sobrevalorizar a vida do ponto de vista racional em detrimento do seu

aspecto fenomenal. Cioran acredita que o homem tende arrogar o monopólio do drama e do sofrimento do mundo. Nesse sentido, se render a morte é para o homem um problema insolúvel. Através do seu realismo pessimista e tendo em mente que não há escapatória para o problema da morte, Cioran apenas abraça-a como algo cristalino e matemático, convidando o leitor a aceitá-la, uma vez que a vida pode ser uma tremenda fuga.

A morte é demasiado exata; todas as razões encontram-se de seu lado. Misteriosa para nossos instintos, delinea-se, ante nossa reflexão, límpida, sem prestígios e sem os falsos atrativos do desconhecido (CIORAN, 2011 a, p. 22).

Sendo assim, tanto no conto de Edgar Allan Poe como na filosofia de Cioran, a ideia da morte é pautada pela questão do nada, pelo ataque à existência e pelo princípio de que não vale a pena se empenhar por coisa alguma. Cioran e Poe abordam temas em comum, como o sofrimento, a morte, o desespero, e a questão do nada. Em outros contos a morte se faz presente através da descrição de diversos sentimentos de pânico, desalento, desesperança e agonia para os personagens de Poe. Enquanto para o contista a morte é vista com profundo pesar, para o filósofo pessimista a morte é uma libertação da existência, dela não há como fugir.

55

Estarmos absolutamente convencidos de que não podemos escapar da sorte amarga que desejaríamos a outrem, de que estamos submetidos a uma fatalidade implacável e de que o tempo não fará outra coisa senão atualizar o processo dramático da destruição – eis as expressões do irremediável e da agonia. Não seria o Nada portanto uma salvação? Mas como pode existir uma salvação no Nada? Se a salvação na existência é quase impossível, como será ela possível na ausência completa de qualquer tipo de existência? Posto que não há salvação no Nada nem na existência, mando este mundo aos diabos, junto com todas as suas leis eternas! (CIORAN, 2011, p. 43).

A morte é o salto para o absoluto, para o nada incomensurável. Diante disso, o que alivia o fardo da vida é saber que ela é finita. Portanto

o fato de sofrer, de priorizar os prazeres, de gritar de alegria ou desespero, de viver para si ou parar os outros... nada disso importa. De tudo isso nada sobrar, tudo que for feito da vida é uma soma de ocasiões perdidas. A queda da casa de Usher retrata essa passagem ao nada, em seu fim ela é engolida por um imenso e escuro vazio que leva para sempre a linhagem de uma família perdida na noite do tempo.

6. CONCLUSÃO

Concluimos que a questão da tanatologia em Cioran, com todo o sentido de totalidade, é uma filosofia que objetiva atestar as mazelas da existência sem propor soluções. Ao que parece, o único alívio para esses males é a morte. Nessa perspectiva, não há algo para nos apegarmos em vida, melhor é ter plena consciência da morte e se deixar levar por essa ideia. Tudo não passa de ilusão e que o melhor é não se empenhar em nada já que a vida não vale a pena, pois nada resiste à morte.

Não obstante, conforme retratado no conto do Poe, a morte causa medo e tristeza quando o personagem constata que deixará um dia essa existência e que todo esforço para esquecer esse tormento foi em vão. Sempre triste, embora com características espirituais diversas: de pânico, de revolta, e até de tranquilidade, e aspiração, a morte no conto de Poe contraria a posição ingênua de Usher em se apegar a vida. O conto é uma bela e impressionante apresentação da angústia de um ser enfermo perante o futuro demolidor que o levará ao nada. 56

Se em Poe a morte tem esse papel devastador, de levar o homem ao desespero, ao pânico e a angústia; em Cioran, a morte é vista como um deus, uma força metafísica que tudo consome, um alívio para a questão dos males da existência. Para o pensador, compreender a morte é relativizar, não apenas o apego à vida, mas desejar que a vida seja breve e que a morte traga o alívio tão desejado diante do vazio da existência.

REFERÊNCIAS

CIORAN, Emil. *Nos cumes do desespero*. São Paulo: Hedra, 2011.

_____. O livro das ilusões. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

POE, Edgar Allan. A queda da casa de Usher. In: _____. **Medo clássico: Edgar Allan Poe: coletânea inédita de contos do autor.** Rio de Janeiro: Darkside Books 2017, p. 53-72.

Lucas Gomes Baleeiro

<http://lattes.cnpq.br/3614042457650863>